

A concentração de mercado está ameaçando a economia dos Estados Unidos

Joseph Stiglitz¹

As economias avançadas do mundo estão sofrendo de uma série de problemas profundos. Nos Estados Unidos, em particular, a desigualdade de renda é a mais alta desde 1928; o crescimento do PIB, ademais, permanece lamentavelmente morno em comparação com as décadas após a Segunda Guerra Mundial.

Depois de prometer um crescimento anual “de 4, 5 e até de 6%”, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e seus apoiadores republicanos no Congresso, produziram apenas déficits sem precedentes. Segundo as últimas projeções do Escritório de Orçamento do Congresso, o déficit orçamentário federal atingirá US \$ 900 bilhões este ano e ultrapassará a marca de US \$ 1 trilhão a cada ano após 2021. E, no entanto, a força do crescimento induzida pelo aumento do déficit já está diminuindo. O Fundo Monetário Internacional prevê um crescimento nos EUA de 2,5% em 2019 e 1,8% em 2020, perante 2,9% em 2018.

Muitos fatores estão contribuindo para o problema do binômio baixo crescimento e alta desigualdade da economia dos EUA. A "reforma" fiscal imposta por Trump e os seus republicanos está mal projetada e, por isso, exacerbou as deficiências existentes do sistema tributário, canalizando ainda mais a renda para os mais ricos. Ao mesmo tempo, a globalização continua a ser mal gerida e os mercados financeiros continuam a ser orientados para a extração de lucros (*rent-seeking*, na linguagem dos economistas), ao invés de fornecer melhores serviços úteis.

Mas um problema ainda mais profundo e fundamental é a crescente concentração de poder de mercado, que permite que empresas dominantes explorem seus clientes e pressionem seus funcionários, cujo poder de barganha e proteções legais estão sendo enfraquecidos. CEOs e executivos seniores estão obtendo salários cada vez mais altos em detrimento dos trabalhadores e do investimento.

Por exemplo, os executivos corporativos dos EUA garantiram que a grande maioria dos benefícios do corte de impostos fosse destinada prioritariamente para o pagamento de dividendos e para as recompras de ações – algo que superou o recorde de US \$ 1,1 trilhão em 2018. As recompras aumentaram os preços das ações e impulsionaram o lucro por ação, base na qual é calculada a remuneração de muitos executivos. Enquanto isso, o investimento anual permaneceu fraco (13,7% do PIB), enquanto muitas pensões corporativas foram subfinanciadas.

Evidências de aumento do poder de mercado podem ser encontradas em praticamente em todos os setores. Grandes margens estão contribuindo para elevados lucros corporativos. Setor após setor, de coisas triviais como comida de gato a coisas

¹ Artigo publicado no Project Syndicate, em 11 de março de 2019. Joseph E. Stiglitz é professor da Universidade de Columbia, EUA.

sofisticadas como telecomunicações, provedores de TV a cabo, companhias aéreas e plataformas de tecnologia, algumas empresas agora dominam 75% a 90% do mercado – se não ainda mais; e o problema é ainda mais pronunciado ao nível dos mercados locais. À medida que o poder de mercado dos gigantes corporativos aumentou, o mesmo aconteceu com a capacidade de influenciar a política norte-americana no sentido do lucro e das rendas.

E como o sistema se tornou mais fraudulento a favor das empresas, tornou-se muito mais difícil para os cidadãos comuns buscar reparação por maus-tratos ou abusos. Um exemplo perfeito disso é a disseminação de cláusulas de arbitragem em contratos de trabalho e acordos de usuários, que permitem às corporações resolver disputas com funcionários e clientes por meio de um mediador solidário e não em tribunal.

Múltiplas forças estão impulsionando o aumento do poder de mercado. Um deles é o crescimento de setores com grandes efeitos de rede, onde uma única empresa – como o Google ou o Facebook – pode facilmente dominar grandes mercados. Outra força é a atitude predominante entre os líderes empresariais, que passaram a supor que o poder de mercado é a única maneira de garantir lucros duradouros. Como disse o famoso capitalista de risco Peter Thiel, “a competição é para perdedores”.

Alguns líderes de negócios dos EUA demonstraram uma certa ingenuidade na criação de barreiras de mercado para impedir qualquer tipo de competição significativa, auxiliada pela aplicação frouxa das leis de concorrência existentes e pela incapacidade de atualizar essas leis para a economia do século XXI. Como resultado, a participação de novas empresas nos EUA está em declínio.

Nada disso é um bom augúrio para a economia dos EUA. A crescente desigualdade implica em queda da demanda agregada, porque os que estão no topo da distribuição de renda tendem a consumir uma parcela menor de sua renda do que os de meios mais modestos.

Além disso, do lado da oferta, o poder de mercado enfraquece os incentivos para investir e inovar. As empresas sabem que, se produzirem mais, terão que baixar seus preços. É por isso que o investimento continua fraco, apesar dos lucros recordes das empresas americanas e trilhões de dólares em reservas de caixa. E, além disso, por que se preocupar em produzir algo de valor quando você pode usar seu poder político para extrair mais rendimentos por meio da exploração de mercado? Investimentos políticos na obtenção de impostos mais baixos geram retornos muito maiores do que os investimentos reais em fábricas e equipamentos.

Para piorar, a baixa taxa de impostos sobre o PIB dos EUA – apenas 27,1% antes mesmo do corte nos impostos Trump – significa uma escassez de dinheiro para investimento em infraestrutura, educação, saúde e pesquisa básica necessária para garantir o crescimento futuro. Estas são as verdadeiras consequências do lado da oferta que “gotejam” para todos.

As políticas para combater os desequilíbrios de poder que se mostram prejudiciais economicamente são simples. Ao longo do último meio século, os economistas da Escola de Chicago, agindo com base na suposição de que os mercados são geralmente competitivos, restringiram o foco da política de concorrência apenas à eficiência econômica, em vez de preocupações mais amplas sobre poder e desigualdade.

A ironia é que essa suposição se tornou dominante nos círculos políticos apenas quando os economistas estavam começando a revelar suas falhas.

O desenvolvimento da teoria dos jogos e novos modelos de informação imperfeita e assimétrica revelaram as profundas limitações do modelo de competição.

A lei precisa se atualizar. As práticas anticompetitivas devem ser ilegais, ponto final. E além disso, há uma série de outras mudanças necessárias para modernizar a legislação antitruste dos EUA. Os americanos precisam da mesma determinação em lutar pela competição que suas corporações demonstraram ao lutar contra ela.

O desafio, como sempre, é político. Mas com as corporações americanas acumulando tanto poder, há razões para duvidar que o sistema político americano esteja à altura da tarefa da reforma. Acrescente a isso a globalização do poder corporativo, a orgia de desregulamentação e o capitalismo de compadrio sob Trump, deveria ficar claro para todos que a Europa terá que assumir a liderança.